

Polícia



GRÁVIDA e homem fumam cachimbo debaixo da Ponte da Passagem, em Jardim da Penha, Vitória. Moradores sentem medo de passar no local



EMBAIXO DA Terceira Ponte, pelo menos sete pessoas vivem no local, onde existe até mesmo um sofá. Alterados, eles exigiram que a reportagem fosse embora

FOTOS: ADEMIR RIBEIRO/AT

Viciados só saem das ruas se quiserem, diz prefeitura

A situação de tráfico, drogas e assaltos debaixo das pontes, flagrada pela reportagem de **A Tribuna** na tarde de ontem, é a mesma que foi vista pela equipe em março deste ano, e o problema pode continuar.

Isso porque as prefeituras afirmam que só podem retirar os usuários de drogas das ruas se for da vontade deles. Já a polícia admite que viciados podem até ser presos, mas são soltos logo depois.

A Prefeitura de Vitória afirmou que possui o programa “Onde anda você”, que visa fazer a reinserção social de moradores de rua. “Nossas equipes trabalham todos os dias. Identificamos esses moradores e oferecemos abrigos e tratamento. Mas eles precisam ir por vontade própria”, disse a secretária de Gestões Estratégicas de Vitória, Bianca Loureiro.

Também procurada pela reportagem de **A Tribuna**, a Prefeitura de Vila Velha afirmou, por nota, que faz abordagens aos moradores em situação de rua, oferece serviços da rede de proteção social e faz encaminhamentos para reintegração deles à sociedade. Segundo a nota, “a construção de saída das ruas é um processo gradativo e de convencimento, não sendo possível realizar práticas compulsórias, tendo em vista as legislações”.

Já a Prefeitura de Cariacica afirmou, por meio de nota, que “as pessoas em situação de rua são alcançadas com ações de acolhimento. O trabalho de abordagem de rua é diário e realizado pela equipe da Secretaria de Desenvolvimento Social de Cariacica (Semdes). Por meio dessas abordagens, os assistentes sociais negociam o retorno das pessoas aos seus lares ou ao acolhimento no abrigo municipal”.

Sobre os casos de assaltos cometidos por moradores de rua, a Polícia Militar afirmou, em nota, que tanto em Vila Velha, quanto em Cariacica, a polícia se reúne com moradores para discutir a situação de debaixo das pontes, além de realizar rondas e abordagens nas regiões.

Já o tenente-coronel Ramalho, comandante do 1º Batalhão da PM (Vitória), disse que é desgastante prender usuários. “É desgastante porque eles são soltos logo. O crack é o conflito da era contemporânea. A gente prende, mas eles vão voltar para a agir nas pontes”.

INSEGURANÇA

Assaltos e ameaças em pontes da Grande Vitória

Reportagem de **A Tribuna** percorreu pontes 4 meses após denunciar roubos, uso de drogas e sexo nos locais. Nada mudou

Elis Carvalho

Quatro meses após **A Tribuna** mostrar o submundo por debaixo das pontes que cortam a Grande Vitória, a reportagem retornou a três dessas estruturas para ver se algo mudou nos locais. As cenas flagradas durante a tarde de ontem não foram muito diferentes das registradas em março deste ano. Moradores de rua continuam usando drogas e assaltando pedestres.

A primeira visitada pela equipe foi a Terceira Ponte, na Praia da Costa, em Vila Velha. No local, sete pessoas estavam acampadas. Com barracas, objetos pessoais e até um sofá, o grupo conversava e alguns fumavam cachimbos. Alterados, eles se esconderam e gritaram para que a equipe fosse embora.

Quem trabalha próximo ao local afirma que tem medo: “A gente evita passar perto porque eles usam

droga o dia inteiro e depois nos abordam. Já vi pessoas sendo assaltadas”, disse um comerciante, de 43 anos, que não quis se identificar.

Na Segunda Ponte, em Jardim América, Cariacica, foi possível flagrar quatro moradias improvisadas. A reportagem foi abordada por uma das moradoras. Ela, que é loira e tem olhos verdes, contou que há 15 anos abandonou a casa onde morava com os filhos para usar crack livremente sob a ponte.

“Quem quer droga aqui tem que roubar ou se prostituir. A gente não quer fazer mal a ninguém, mas o vício acaba controlando a gente”, justificou a ex-auxiliar de almoxarifado, de 33 anos, que já tem cinco passagens pela polícia por roubo.

Já na Ponte da Passagem, em Jardim da Penha, Vitória, a reportagem flagrou menos moradores do que foi registrado em março. Na tarde de ontem, quatro pessoas – incluindo uma mulher grávida – usavam drogas no local.

“Há alguns dias passei no local pela manhã com meus filhos para brincar com bombinhas. Os moradores de rua exigiram que a gente parasse, pois iria chamar a atenção da polícia e ameaçaram atirar. Com medo, fomos embora”, disse um professor universitário, 50.



USUÁRIA mostra pedras de crack. Ela assalta pessoas para comprar droga

“A droga toma conta”

Ela teve oportunidades de estudos e uma família presente. Mas há 15 anos rendeu-se ao uso de crack e abandonou a vida tranquila que tinha como auxiliar de almoxarifado, em Porto Santana, Cariacica, para viver no mundo obscuro que existe debaixo das pontes. Aos 33 anos, a mulher de cabelos loiros e olhos claros contou que sustenta o seu vício assaltando pessoas.

A TRIBUNA - Como você entrou no mundo das drogas?

USUÁRIA DE DROGAS - Comecei experimentando fristo (fumo misturado com crack) com os amigos. Vicie e comecei usar crack puro. Eu tinha dois filhos pequenos, mas resolvi ir para a rua. Eu tenho família boa, tive oportunidades, mas a droga venceu.

> Como sustenta o vício?

Sustento meu vício roubando as pessoas na rua. Normalmente pego celulares e vendo por R\$ 10 ou

R\$ 20. Tenho quatro passagens por roubo. inclusive saí ontem (quarta-feira) da cadeia. Já fui presa por um 155 (furto) e 157 (roubo), quando usei uma faca. Me prostituo também...

> Sente vontade de abandonar essa vida?

Sim, mas é muito difícil. Já levei tiro na perna, facada nas costas... Morar na rua e ser viciada não é legal. Mas a droga toma conta da gente. Agora, por exemplo, eu estou grávida de três meses e não sei como vai ser.

> Quantas pessoas moram aqui?

Somos quatro bases fixas. Mas muita gente vem usar droga aqui.

> Quer deixar um recado pra sua família?

Quero deixar um recado para a minha mãe. (A moradora fez uma pausa, com lágrimas nos olhos). Dizer eu te amo pra ela e meus filhos, e que preciso de ajuda.

“Sustento meu vício roubando as pessoas na rua. Normalmente pego celulares e vendo por R\$ 10 ou R\$ 20”

EXPULSA DE BAIRRO

Moradora de rua evita pontes por medo

Há quatro anos, a faxineira Marilde de Oliveira, 55 anos, foi obrigada por traficantes a abandonar a própria casa, em um morro de Vitória, após uma briga com o marido.

Sem ter onde ficar, o casal foi para as ruas. “Fico em Jardim da Penha, mas não vou para a Ponte da Passagem porque sei que é local de tráfico, troca de produtos roubados e uso de drogas. Tenho medo”.



REPORTAGEM publicada em março